



Editorial

Editorial ou sobre o futuro do voo das águias

“Começa então a viagem de Tuahir para um mar cheio de infinitas fantasias. Nas ondas estão escritas mil histórias, dessas de embalar as crianças do inteiro mundo.”

(Mia Couto¹)

Rubem Alves afirmou certa vez² que não existe nada mais fatal para o pensamento do que o ensino das respostas certas. Para ele, o pensamento é como a águia que só alça voo nos espaços vazios do desconhecido. Pensar seria, então, voar sobre o que não se sabe. A terceira edição da revista *Perspectivas em Educação Básica* busca sobrevoar a temática dos currículos, apresentando quinze abordagens sobre o tema.

Tal escolha veio da necessidade que percebemos entre os professores da Educação Básica em analisar o impacto das diferentes reformulações curriculares ocorridas nos últimos anos. Como isso afeta a sala de aula? É possível normatizar as práticas curriculares para todo o Brasil? Analisar os currículos é, também, fazer ciência? Essas e outras tantas perguntas permeiam as diversas contribuições que chegaram em grande número para nossa revista. Com grande alegria, convidamos a todos para essa travessia.

Na seção de abertura, Transversais, João Paulo Cabrera, professor de Sociologia da rede estadual do Rio de Janeiro, apresenta o tema da revista - “Currículo: desafios e possibilidades em tempos de novas políticas educacionais” - a partir dos resultados do projeto “Sociologia ilustrada”. Para auxiliar a compreensão dos estudantes, utilizou o formato de cartoon para didatizar discussões e autores da Sociologia e disponibilizá-lo nas redes

sociais, como o Facebook. Ao longo do artigo “O Projeto Sociologia Ilustrada: mediação pedagógica com ilustrações no ensino de Sociologia” vai apresentando alguns de seus desenhos, articulando-os aos seus objetivos em sala de aula. Os desafios do ensino de Sociologia hoje também são discutidos em seu texto, lembrando-nos de como a advento da internet modificou o papel do professor e também dos currículos, facilitando o acesso à informação por parte dos alunos. Cabrera enfatiza que o papel do professor diante desse cenário não diminuiu, mas mudou de figura: o docente agora pode ser responsável pela mediação pedagógica do conhecimento, buscando construir uma relação dialogada com os alunos. No caso do autor, o desenho foi um desses caminhos. Esse talento de Cabrera também está presente na capa da revista, com sua afetuosa contribuição sobre as discussões que marcam o currículo da disciplina escolar Sociologia.

Na Perspectiva capiana, apresentamos duas contribuições de professoras do CAp UFRJ - ponto de partida da nossa revista. Graça Reis e Marina Campos, do setor Multidisciplinar, apresentam um contundente histórico das discussões sobre currículo, construindo uma apreciação crítica sobre a BNCC. Intitulado “A Base Nacional Comum Curricular e suas relações com as teorias tradicionais de currículo: retrocesso na construção de uma escola democrática”, o artigo traz à tona as discussões que compuseram a narrativa da BNCC. Dessa forma, criticam o argumento de que é necessário um currículo uniforme para todo o Brasil.

Celeia Machado apresenta sua trajetória como “professoraartista pesquisadora” em um texto que nos convida a percorrer importantes memórias sobre o seu fazer docente na área de Artes Cênicas. Por meio do seu relato,

1 COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

2 ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poetica Editora Ltda, 1994.

compreendemos as concepções curriculares de uma pesquisadora que alia amorosidade aos desafios do jogo teatral, repleto de riscos e desconfortos. Dividido em três partes, o texto, intitulado “Evoé - Isto não é um memorial”, inspirado em seu memorial de progressão docente à condição de professora titular no CAP, expressa os pilares do percurso da professora: a arte, o coletivo e o sagrado. O texto nos ajuda a entender, ainda, a importância do tripé universitário de Ensino, Pesquisa e Extensão para a construção do currículo e das políticas para o Ensino Básico no CAP/UFRJ.

Na convergência entre pesquisa e ensino, temos a seção Interseções, apresentando textos de professores das mais variadas instituições. Marcio Bernardino, doutorando da Unirio, faz um balanço de pesquisas sobre o impacto da educação integral no currículo. Com o título “Educação e(m) tempo integral” busca mostrar o encontros e desencontros entre as concepções de educação em tempo integral e seus efeitos nos currículos, admitindo que essa é uma “conversa complicada”, nas palavras de William Pinar. Seu texto traz conexões com o das pós-graduandas em Educação da UERJ Graciane Volotão e Renata de Oliveira, uma vez que elas também analisam os possíveis diálogos do campo do currículo com outras áreas da educação. No texto “Reflexões sobre currículo e avaliação: as disputas por sentidos e os espaços para a resistência”, as autoras defendem que a individualidade dos sujeitos deve ser valorizada na elaboração de atividades de avaliação, de forma a romper com discursos normativos que engessam os currículos. Dessa forma, os dois textos destacam a relevância em analisar as práticas curriculares como algo em constante processo de construção. Preocupam-se, assim, mais com as perguntas a serem ensinadas do que com as respostas prontas.

Luís Felipe Perinei, professor da prefeitura do Rio de Janeiro e da pós-graduação no Instituto AVM, propõe uma reflexão sobre as contribuições dos jogos teatrais para a formação de professores de diversas áreas. Buscando

transgredir às práticas tradicionais que criam uma dicotomia entre o professor detentor do saber e o aluno receptor do conhecimento, o autor apresenta metodologias e experimentações que fazem com que os professores repensem os espaços por eles ocupados em sala de aula, “Saindo do lugar comum” (título de seu texto). Também professora da prefeitura do Rio da área de Artes Cênicas, Analia da Silveira discute, em seu artigo “O teatro como disciplina de saberes éticos”, como o ensino de ética, valores e moral está vinculado ao currículo e às práticas escolares. Compreendendo a educação moral como elemento fundamental para a formação de cidadãos críticos capazes de pensar o coletivo, a autora indica a necessidade de conceber a sala de aula como espaço democrático de discussão e convívio e revela o trabalho com o Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, como uma ferramenta de sua práxis.

Brisa Rodrigues, professora mestra em Arte e Cultura Contemporânea e estudante do Curso de Especialização em Educação Básica (CESPEB/UFRJ) com ênfase no ensino contemporâneo das artes, compartilha suas memórias escolares, explicitando a importância das Artes Cênicas na sua formação. Para ela, o teatro na escola permite o desenvolvimento do senso de coletividade e de responsabilidade, além de proporcionar engajamento com diferentes aspectos sócio-culturais. Seu artigo “A comunidade escolar e os coletivos artísticos: Notas sobre uma experiência extracurricular na Escola de Aplicação” revela, ainda, três grandes desafios pelos quais a instituição escolar passa e indica a necessidade de uma pedagogia libertária para a superação desses obstáculos.

Breno Totti, da UFRJ, com o texto intitulado “Uma análise espacial do currículo diferenciado caicara: Estudo de caso sobre a Escola Municipal Cajaíba/Paraty-RJ” apresenta uma análise da experiência de elaboração curricular da escola em questão. Por meio de um interessante relato de sua participação em um projeto de extensão na região, o autor propõe reflexões sobre a construção de um novo espaço e o respectivo

impacto sociocultural na comunidade com a elaboração desse currículo diferenciado para a escola. Ele argumenta que é preciso respeitar a cultura local e torná-la ponto de partida para as discussões curriculares e não algo complementar a ele. Nesse sentido, o projeto bem-sucedido na região apresenta-se como uma forma de resistência às maneiras tradicionais de se construir a política curricular - reforçando a argumentação dos demais textos do presente número da revista.

Em sentido semelhante, caminha o artigo “Reunião de Planejamento com professores: intervenção pedagógica para transformação das práticas curriculares”, de Cristiane Viana da Silva Santos e Simone Santos dos Reis. O relato do trabalho como orientadoras educacionais em uma escola pública de Itaboraí (Rio de Janeiro) enfatiza a importância de ver o planejamento escolar como um importante espaço de elaboração de práticas curriculares. Com o objetivo de atender em especial os educandos em situação de vulnerabilidade social, procuraram mapear as questões da região, marcada pela fragilidade do poder público e a partir daí promover reuniões que discutam estratégias de promoção dos elos fundamentais da comunidade escolar: educandos, docentes e famílias. Dessa forma, o currículo escolar deveria ser pensado de acordo com a realidade da região.

Na seção Gradações, contamos com diversos relatos de experiência e pesquisa de professores e licenciandos. Por compreendermos a prática docente como espaço de pesquisa, reflexão e construção de conhecimento, acreditamos que nossa revista tem a função de ser plataforma de divulgação desse tipo de produção acadêmica e esperamos que tais contribuições continuem a ter cada vez mais espaço aqui.

Franco Biondo, Carla Maciel, Maria Matos, Natálio Rios e Pedro de Lemos, docentes do CAP UFRJ, apresentam análises a partir de leituras sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No texto “Base Nacional Comum Curricular de Ciências da Natureza: reflexões compartilhadas entre docentes do

Colégio de Aplicação da UFRJ”, defendem que a BNCC reduz a docência à aplicação curricular e a formação dos estudantes à instrumentação para o mundo do trabalho, apagando dimensões críticas e potencialmente transformadoras da sociedade. Para os autores, a descontextualização dos conteúdos de Ciências da Natureza surge como problema nessas orientações curriculares. Assim, ao ignorar as especificidades de cada escola, professor e aluno, a BNCC compõe uma política curricular incapaz de possibilitar a educação democrática e de qualidade que anuncia construir - dialogando, dessa forma, com o texto de Graça Reis e Marina Campos.

O texto de Hilton Silva Junior, “O currículo praticado no Ensino Médio de Geografia do CAP-UFRJ”, busca debater o currículo de Geografia, à luz das práticas curriculares dos professores dessa disciplina do CAP-UFRJ, entre os anos de 1993 e 2014. Dando destaque à contextualização histórica do processo de produção curricular e à consequente identificação espacial deste, argumenta que todo currículo se compromete com uma visão de mundo, significando o nosso entendimento sobre a realidade e sendo, por isso, mutável.

Juliana Jandre e Caroline Fernandes relatam a participação de bolsistas de Iniciação Artística e Cultural em intervenções pedagógicas no 9º ano do Ensino Fundamental na disciplina de Inglês no CAP/UFRJ, que resultaram em reformulações curriculares para a série. O artigo, intitulado “Praticando conceitos e conceituando práticas”, convoca discussões sobre as relações entre língua e cultura para um ensino que supere a concepção estereotipada da Língua Inglesa. A professoras buscam, dessa maneira, evidenciar e aprofundar as questões interculturais que devem permear o trabalho pedagógico com a língua. O texto discute a importância do espaço do estágio reflexivo e investigativo para a formação inicial do professor, uma vez que, segundo as autoras, os estudantes de graduação constroem, nos estágios, autoconfiança e autonomia e observam a pesquisa como elemento fundamental do fazer docente.

Tadeu de Vasconcelos, licenciando em Letras, relata as regências realizadas durante o período de

estágio supervisionado em Língua Francesa no CAP/UFRJ. O autor evidencia a importância da imersão no ambiente escolar para a formação inicial de professores e explica o funcionamento do estágio na instituição, dando destaque às orientações como espaços de debate pedagógico. Assim, em seu artigo “Estágio de Francês Língua Estrangeira: duas experiências de regências no ensino de francês para crianças”, podemos acompanhar o percurso de formulação de duas regências, desde o planejamento até a análise de resultados. Nesse processo, o autor destaca a “reflexão-na-ação” e a “reflexão-sobre-a-ação” como práticas fundamentais para o fazer docente.

O artigo “A educação intercultural crítica no ensino de Artes Visuais: Macumba, artes indígenas e outras anotações decoloniais do campo de estágio de formação de professores no Colégio de Aplicação da UFRJ”, de Cássia Abrantes, encerra esta seção apresentando um relato de sua regência, que trouxe à tona a educação intercultural a partir do trabalho com a arte de povos indígenas e suas relações com saberes diversos. A autora expressa a necessidade de uma abordagem pedagógica que perceba e respeite a potencialidade das diferenças no espaço escolar. Para isso, indica que é necessário promover rupturas com a perspectiva colonial europeia-ocidental, que fundamenta a homogeneização e a padronização de conhecimentos.

A seção Olhares finaliza esta edição com três ensaios fotográficos, que imprimem registros da relação entre currículo e formação escolar. O primeiro ensaio, produzido por Katiuci Pavei, apresenta fotografias que captam o instante-ação de estudantes do projeto Visualidades da EJA, do CAP/UFRGS. Instigados por algumas reflexões e discussões propostas no projeto, os estudantes puderam realizar práticas fotográficas “na e sobre a escola”, expressando visões plurais sobre esse complexo ambiente. Neste ensaio, a autora fotografa seus alunos que, por sua vez, fotografam a instituição escolar, redirecionando o olhar sobre o espaço e seus atores.

Partindo da abordagem temática de Paulo Freire, o segundo ensaio fotográfico desta edição,

produzido por Denize Amorim, traz registros de uma atividade desenvolvida com estudantes da escola Solar Meninos da Luz. A ação se debruça sobre a temática da saúde a partir do levantamento de algumas das potencialidades da comunidade Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, onde o colégio está situado. Tendo como objetivo subverter a perspectiva que coloca frequentemente a saúde no lugar do problema, foram utilizadas ferramentas tecnológicas para promover a divulgação de informações que ampliam a discussão sobre o tema. Por sua vez, o ensaio “Sobre pertencer” apresenta fotografias produzidas em uma ação de parceria entre o projeto Arte e Pertencimento, do CAP/UFRJ, e o Centro de Responsabilidade Socioambiental do Jardim Botânico. Com o intuito de refletir sobre consumo e impactos ambientais, práticas de coleta, manuseio e transformação de resíduos foram realizadas, o que resultou em intervenções artísticas no jardim e em seu entorno.

Esse conjunto de trabalhos compõe um caleidoscópio de experiências, teorias e práticas que versam sobre a questão do currículo no Ensino Básico. Por meio de seus textos, autores e autoras apresentam contribuições e fazem ressoar suas reflexões, permitindo a ampliação do debate sobre o tema. Ainda com Alves, acreditamos que as escolas existem não apenas para ensinar as respostas, mas também as perguntas. As respostas nos permitem andar sobre terra firme. Mas somente as dúvidas nos permitem entrar pelo mar desconhecido. Convidamos os leitores a embarcar nessa jornada.

As editoras

Referências

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poetica Editora Ltda, 1994.